

Documentos Técnicos

O desafio do Movimento *Sharing Nature* na Educação Ambiental Contemporânea

Série Documentos Técnicos, nº 6

Órgão Gestor da Política Nacional de
Educação Ambiental

O desafio do Movimento *Sharing Nature* na Educação Ambiental Contemporânea

Série Documentos Técnicos, nº 6

Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental

Brasília
2006

Série Documentos Técnicos

Série publicada pelo Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, com o objetivo de divulgar ações, projetos e programas de educação ambiental voltados a políticas públicas de abrangência nacional.

Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental

Ministério do Meio Ambiente

Ministra Marina Silva

Secretaria Executiva

Cláudio Langone

Diretoria de Educação Ambiental

Marcos Sorrentino

Ministério da Educação

Ministro Fernando Haddad

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

Ricardo Henriques

Diretoria de Educação para a Diversidade e Cidadania

Armênio Bello Schmidt

Coordenação Geral de Educação Ambiental

Rachel Trajber

Sumário

Apresentação, pelo <i>Órgão Gestor da PNEA</i>	3
Prefácio, por <i>Masashi Tsuchiya</i>	5
Introdução, por <i>Rita Mendonça</i>	7
O desafio do Movimento <i>Sharing Nature</i> na Educação Ambiental Contemporânea, por <i>Shin-ichi Furihata</i>	9
Realizações e desafios da educação ambiental no Japão	
As raízes da educação ambiental no Japão	
Estabelecimento e evolução da educação ambiental	
Os desafios da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável	
O processo de evolução do <i>Sharing Nature (Nature Game)</i> no Japão	
O impacto da primeira visita de J. Cornell ao Japão	
As cinco fases para o estabelecimento da organização nacional	
As possibilidades e desafios do Movimento mundial <i>Sharing Nature</i>	
Missão do Movimento <i>Sharing Nature</i>	
Situação atual e possibilidades do Movimento mundial <i>Sharing Nature</i>	
Próximos desafios do Movimento	
A proposta da <i>Sharing Nature</i> do Brasil, por <i>Rita Mendonça</i>	15
Antecedentes	
Características do desenvolvimento dos programas	
A metodologia	
A formação de educadores multiplicadores	
Os programas do Instituto Romã	
Observações importantes a partir experiência brasileira	

Apresentação

A JICA – *Japan International Cooperation Agency* –, órgão responsável pela implementação de programas e projetos de cooperação técnica com países em desenvolvimento, por intermédio do Projeto de Conservação Florestal e Educação Ambiental na Amazônia Oriental, conhecido por Projeto Gunma (em função de ser desenvolvido em parceria entre os governos do estado do Pará e da província de Gunma no Japão), promoveu no dia 9 de novembro de 2005, em Brasília, um Seminário de Educação Ambiental. O evento teve o propósito de apresentar as atividades em educação ambiental desenvolvidas pela JICA no Brasil.

Na ocasião do evento, esteve presente também o Dr. Shin-ichi Furihata, coordenador da Associação Japonesa Nature Game, que apresentou uma explanação com os antecedentes e o estado da arte da educação ambiental no Japão, com especial ênfase na trajetória de consolidação do Movimento *Sharing Nature*, inspirado na metodologia do “Aprendizado Sequencial” de atividades educativas ao ar livre de Joseph Cornell, que encontrou uma grande receptividade naquele país.

Nesse sentido, para registrar a visita ao Brasil do Dr. Furihata, na perspectiva do fortalecimento das relações internacionais entre Brasil e Japão, e com o intuito de socializar o trabalho apresentado no evento aos educadores ambientais brasileiros, entendemos pertinente apresentá-lo como um Documento Técnico que forneça reflexões e subsídios às atividades em educação ambiental que buscam desenvolver processos de sensibilização para a causa ambiental por intermédio de vivências com a natureza, que estimulem os sentidos e afetos humanos perante a natureza.

Para oportunizar o diálogo mais aprofundado sobre essa perspectiva da educação ambiental no contexto brasileiro, convidamos ainda, Rita Mendonça, representante do Instituto Romã, para apresentar neste mesmo número, uma reflexão sobre o Movimento *Sharing Nature* no Brasil, refletindo sobre as experiências aqui desenvolvidas sobre a vivência com a natureza.

Por fim, ressaltamos que o registro de uma tendência atual da educação ambiental praticada com ampla aceitação no Japão, para fins de socialização da experiência, reveste-se de especial importância devido ao fato do Japão ter sido o país proponente da instituição da Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, por ocasião da Conferência de Johannesburgo, conhecida como a Rio+10.

Órgão Gestor da PNEA

Prefácio

A Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA) está desenvolvendo o “Projeto de Conservação Florestal e Educação Ambiental na Amazônia Oriental” no Parque Ecológico de Gunma, de propriedade da Associação Gunma-Kenjinkai do Norte do Brasil (presidente: Hiroshi Okajima). Este parque, localizado no município de Santa Bárbara, no estado do Pará, foi adquirido graças à iniciativa da Associação e à campanha de arrecadação de fundos realizado na Província de Gunma, com o objetivo de preservar a floresta amazônica e de estreitar ainda mais a relação nipo-brasileira. O projeto com seus três componentes: educação ambiental, conservação florestal e sistemas agroflorestais, espera contribuir para o desenvolvimento sustentável da região amazônica.

Durante o estágio inicial das atividades na área de educação ambiental, o perito Tadashi Inamoto (Diretor do Instituto Ecológico Shirakawa-go da Toyota) sugeriu como metodologia educacional de contato direto com a natureza o programa “Vivências com a Natureza”. Ao receber esta sugestão, o projeto solicitou à JICA a vinda da perita Naoko Miyoshi da Associação Nature Game (Vivências com a Natureza) do Japão e, juntamente com a Coordenadora de Vivências com a Natureza no Brasil, Rita Mendonça, iniciou-se a divulgação deste programa ao público envolvido no projeto. Desde então, várias oficinas e seminários foram realizados com sucesso e o programa tem obtido grande aceitação entre as pessoas envolvidas com educação ambiental, escolas, ONGs e outros. Após esta repercussão, o projeto convidou o presidente da Associação Nature Game do Japão Shin-ichi Furihata para apresentar este programa às pessoas ligadas aos Ministérios do Meio Ambiente, da Educação e IBAMA.

Masashi Tsuchiya
Coordenador da Equipe Japonesa
Projeto de Conservação Florestal e Educação Ambiental na Amazônia Oriental

Introdução

A experiência da *Nature Game* do Japão tem sido uma referência importante para a implementação dos programas da *Sharing Nature* no Brasil. Assim como o Sr. Furihata no Japão, assumi a coordenação dos programas da *Sharing Nature* no Brasil em 1996, ocasião da primeira vinda do professor Joseph Cornell ao Brasil e do lançamento em português da primeira edição do seu célebre livro “*Sharing Nature with Children*”. Durante todos esses anos fui percebendo a profundidade que a proposta da *Sharing Nature* pode alcançar. Tive liberdade e tempo para iluminar os seus recantos, me deter em suas particularidades, experimentar as suas possibilidades. Essa proposta se revela, assim, como um caminho para aprimorar as relações entre as pessoas, através de um método simples, mas de natureza complexa, sofisticada. Ao alcance de todos, pois todos nós integramos as maiores possibilidades da natureza humana.

Cada país deve encontrar a melhor versão para o nome “*Sharing Nature*”, de forma a sintetizar e expressar a essência da proposta. No Japão, o nome escolhido foi “*Nature Game*”. No Brasil, o nome escolhido foi “Vivências com a Natureza”. Chamamos a atenção para o “com”: não são apenas vivências na natureza, mas sim uma proposta de interação **com** ela.

Vejo que a experiência brasileira constitui já uma segunda geração de instituições representantes da *Sharing Nature*, e acredito que ela deva se estabelecer em nosso país atendendo às características e necessidades de nosso povo – culturais e econômicas – e considerando as demais experiências de educação ambiental de nosso país. Nossa estrutura institucional pretende estimular a formação de rede, e estar focada nas relações humanas e nas necessidades de cada um, evitando assim uma estrutura excessivamente hierárquica e austera. Pretende ser um instrumento eficaz, não só para o desenvolvimento de relações mais conscientes com o mundo natural, como também de desenvolvimento pessoal, ajudando a aflorar o melhor da natureza de cada participante.

Institucionalizar relações pessoais talvez não seja possível. Nem desejável. Mas a experiência que tive ao visitar a *Nature Game* no Japão me deixou otimista: percebi que era possível criarmos uma comunidade mundial de educadores *Sharing Nature*, transcendendo as barreiras da língua e as enormes diferenças culturais. Minha comunicação com as pessoas de lá se dava a partir de uma forma muito parecida de nos relacionarmos, baseada no “jeito *Sharing Nature*” que cada um tinha de se aproximar do meio natural. O Sr. Furihata conseguiu implantar em seu país um sistema de relações institucionais bastante complexo sem perder as qualidades essenciais relativas à qualidade das relações entre as pessoas.

Trata-se portanto de uma experiência nacional importante, que tem nos inspirado na elaboração de um programa brasileiro. A maneira pioneira com que ele traduziu os conceitos mais universais da *Sharing Nature* para atender às formas de compreensão de seu povo e sua cultura nos estimula nessa desafiadora e estimulante tarefa de encontrar as formas específicas de nossa cultura que permitam uma compreensão integral da universalidade da filosofia da *Sharing Nature*.

Rita Mendonça
Instituto Romã

O Desafio do Movimento *Sharing Nature* na Educação Ambiental Contemporânea

Shinichi FURIHATA Ph.D.
Associação *Nature Game* do Japão

1. Realizações e desafios da Educação Ambiental no Japão

As Raízes da Educação Ambiental no Japão

O termo educação ambiental foi primeiramente usado no Japão na época da Conferência de Estocolmo ocorrida no ano de 1972, mas anterior a isto, havia no Japão três movimentos que podem ser considerados raízes da educação ambiental no país. São eles: “educação de compreensão da poluição”, “educação de preservação da natureza” e “educação ao ar livre”.

A “Educação de Compreensão da Poluição” teve grande impacto nos anos 60 devido aos problemas de poluição, e pode-se dizer que foi o ponto de partida de educação ambiental no Japão no que diz respeito às práticas relacionadas com o meio ambiente dentro das escolas. A educação de compreensão da poluição era praticada inicialmente por alguns educadores vanguardistas, mas com a realização da Reunião da Poluição em 1970, uma parte do currículo escolar foi revisada e o tema “poluição” foi inserida dentro da disciplina Estudos Sociais. A “educação de preservação da natureza”, por sua vez, foi difundida pelas entidades de preservação da natureza na década de 70, como um programa extra-curricular com atividades de observação da natureza. Por fim, a “educação ao ar livre” teve influência na criação da Lei de Promoção do Esporte em 1961, cujo lema era “o desenvolvimento saudável do corpo e da mente”, e impulsionou a construção de instalações de lazer em todo o país voltadas para jovens para realizar acampamentos e retiro de estudos.

Estabelecimento e evolução da educação ambiental

A Agência de Educação Ambiental foi criada em 1971, mas por um período, a educação de compreensão da poluição, educação de preservação da natureza e educação ao ar livre foram evoluindo cada uma com suas práticas. Na década de 90, começaram a surgir vários movimentos de educação ambiental derivados das três raízes. São elas: “Educação Ambiental Global (Desenvolvimento)”, “Educação Ambiental para a Reconstrução da região/Ciência do Cidadão”, “Educação Ambiental relacionada à vida cotidiana”, “Guia de Educação Ambiental para Educadores”, “Educação Ambiental relacionada às Experiências com a Natureza”.

As pesquisas com “Educação Ambiental Global (Desenvolvimento)” estão sendo desenvolvidas como parte das Estratégias de Conservação Ambiental dos Países da Ásia Pacífica, realizada pelo Instituto para Estratégia Ambiental Global do governo japonês. O próximo desafio é definir a forma de apoio do Japão na educação ambiental nos países da Ásia Pacífica e em outros países em desenvolvimento.

A “Educação Ambiental para a reconstrução da região/Ciência do Cidadão” é o movimento de educação ambiental que surgiu a partir dos problemas de poluição ambiental provocada pela contaminação de mercúrio na cidade de Minamata e que causou um grande impacto na comunidade local. Este movimento teve como objetivo a reconstrução da sociedade através do reconhecimento dos direitos ambientais como sendo parte dos direitos humanos e o desenvolvimento da educação ambiental voltada para o cidadão baseada em Ciências.

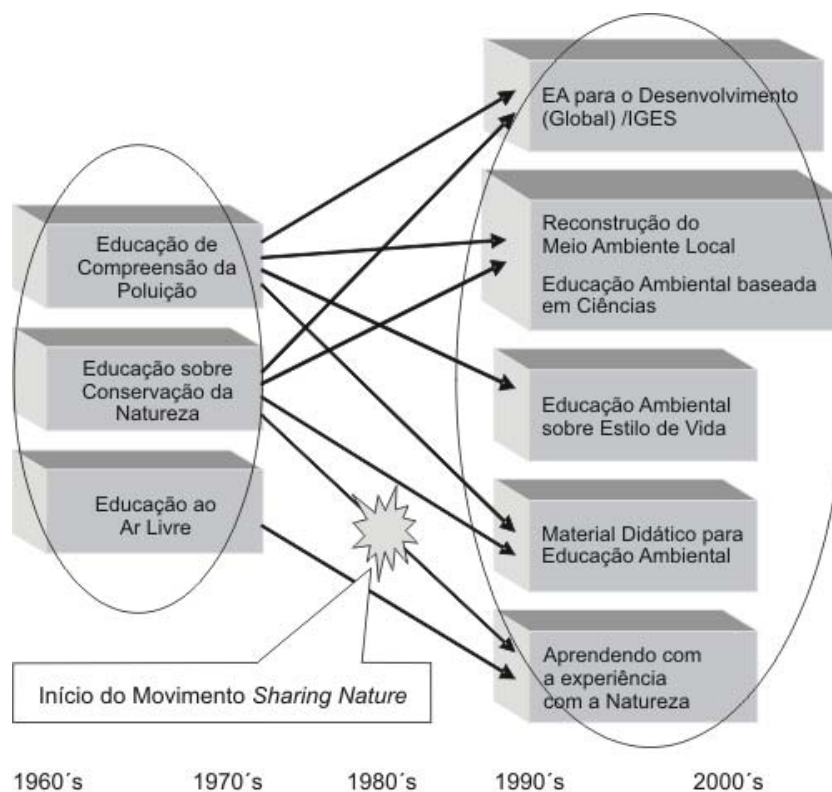
Impulsionada pela Lei Básica do Meio Ambiente de 1993, a “Educação Ambiental relacionada à vida cotidiana”, foi desenvolvida principalmente pelo Grupo de Promoção de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente e por entidades comunitárias como o Eco-Clube Mirim tendo como objetivo a formação de uma sociedade sustentável e maior participação da comunidade nos problemas locais.

Em 1991, o Ministério da Educação (atual Ministério da Educação, Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia) apresentou o “Guia de Educação Ambiental para Educadores” contendo um roteiro sobre educação ambiental nas escolas, e foi então que a “Educação Ambiental através de Guia de Educação Ambiental para Educadores” tornou-se uma das práticas no país. Esta corrente foi desenvolvida por funcionários do Ministério da Educação responsáveis pela elaboração do processo de educação e demais pesquisadores. No Japão, não há uma disciplina de meio ambiente, mas ela é tratada de forma transversal nas demais disciplinas. A partir de 2002, iniciou-se o programa de “Hora de Estudo Geral” como forma de propiciar às crianças uma oportunidade de aprendizagem independente e, neste programa, junto com temas como bem-estar, tema internacional e informação, o meio ambiente também foi inserido como um tema obrigatório.

A “Educação Ambiental relacionada às Experiências com a Natureza”, através de atividades diretas com a natureza, tem por objetivo criar o vínculo do indivíduo com a sociedade conscientizando-o sobre sua relação com a natureza. O princípio básico das atividades de experiência com a natureza coincide com o que está declarado na Lei de Promoção da Educação Ambiental, que prega “a importância de aprofundar a compreensão e interesse pela conservação ambiental através de atividades de experiência com a natureza ou outras formas de atividades experimentais”. E em 2001, as leis da educação formal e educação social foram revisadas com a inclusão do item “prática e estímulo de atividades de experiência com a natureza”, solicitando às instituições de ensino, tais como escolas, educação na sociedade/instituições e organizações de educação aos jovens nas regiões a manterem uma cooperação interinstitucional.

Em 1990, foi criada uma entidade de pesquisa de âmbito nacional relacionada à educação ambiental chamada de Sociedade de Educação Ambiental do Japão, com a finalidade de agrupar pesquisadores das cinco correntes de educação ambiental até aqui apresentadas.

Figura 1: Raízes e Correntes da Educação Ambiental no Japão



Os desafios da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável

No panorama atual de educação ambiental, destaca-se a Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável. A DEDES tem sua raiz na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Conferência da Terra) realizada no Rio de Janeiro em 1992. No capítulo 36 da Agenda 21 intitulado “Promoção do Ensino, da Conscientização e do Treinamento”, foi declarada a importância da educação na promoção do “desenvolvimento sustentável”. Para avaliar o resultado dos dez anos seguintes à Conferência da Terra, foi realizado em 2002, em Johannesburgo, a reunião da “Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável” e o governo japonês junto com as ONGs japonesas, propuseram o programa “década da educação para o desenvolvimento sustentável”. Esta proposta foi incluída no Plano de Implementação Global, e em dezembro deste mesmo ano, foi realizada a Assembléia Geral das Nações Unidas onde foi definida a seguinte resolução: “O período de dez anos a partir de janeiro de 2005 fica declarado como sendo a 'Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável’”. Assim teve início o programa da Década das Nações Unidas.

Reconhecendo que “não se constrói um futuro sustentável apenas pelo aumento da quantidade de educação”, o Plano Internacional de Implementação da Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005) tem como desafio redirecionar a abordagem atual da educação ambiental para uma educação com avaliação e objetivos bem definidos para atingir o “desenvolvimento sustentável”. Aqui, não se trata somente do meio ambiente, mas em ampliar o conceito de educação ambiental a fim de abranger todas as importantes dimensões tais como a pobreza, multiculturalismo, saúde, garantia de alimentação, democracia, direitos humanos, paz, etc. Definir a relação do programa da EDS com a educação ambiental é um dos desafios tanto na área da pesquisa quanto na prática.

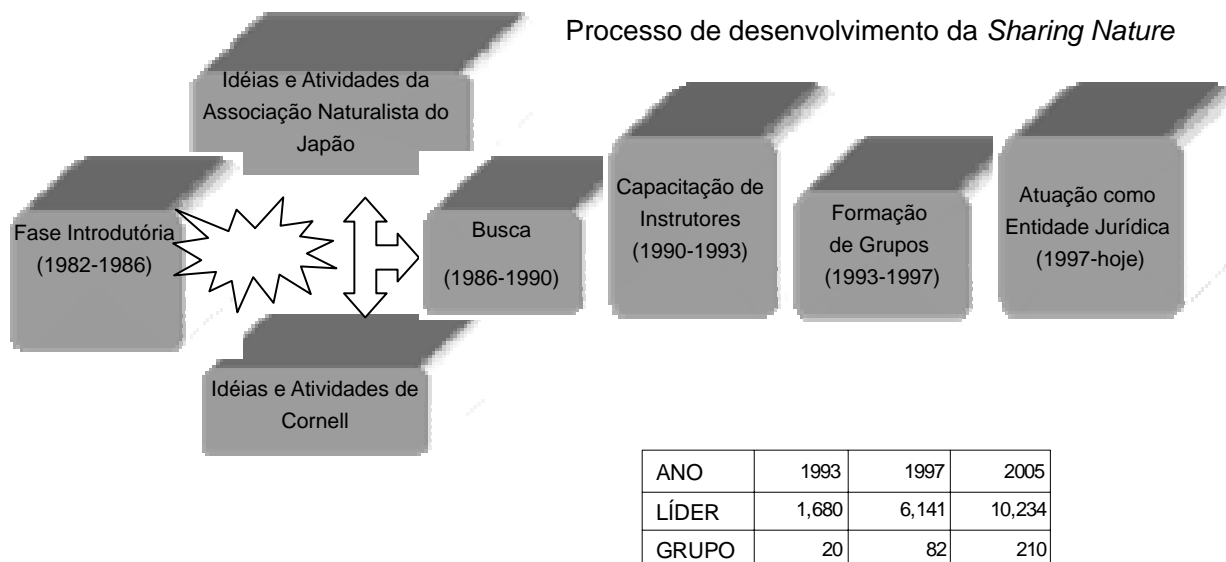
2. O Processo de evolução do *Sharing Nature* (*Nature Game*) no Japão

O impacto da primeira visita de J. Cornell ao Japão

O Movimento *Sharing Nature* teve início em 1986 pela Associação Naturalista do Japão e hoje, a Associação *Nature Game* do Japão é responsável pela sua promoção no país. A Associação Naturalista foi criada em 1973 e tinha como atividade principal os três programas a seguir: observação da natureza para crianças, aulas de natureza e atividade de formação de comunidades naturalistas nas localidades rurais e preservação e levantamento dos hábitos de *nihonkamoshika* (espécie de veado do Japão). Entre as atividades, o grupo de observação da natureza tinha como princípio “educar as crianças para se tornarem cuidadosas com a natureza como se estivessem cuidando de parte do próprio corpo”, e faziam excursões na natureza ao longo do ano e, através de observações e brincadeiras na natureza, realizavam atividades para aprender o mecanismo e maravilhas da natureza. Em 1982, um dos associados desta entidade que leu sobre a obra de Cornell em uma revista especializada em atividades ao ar livre resolveu adquiri-la e, com outras pessoas, iniciou a tradução do livro.

Este foi o início da introdução do *Sharing Nature* no Japão. Em 1986, ano da publicação do livro traduzido, Joseph Cornell foi convidado a visitar o Japão e foram realizados diversos seminários e simpósios. No simpósio, além da palestra de Cornell, foram discutidas as questões relacionadas com a possibilidade de trazer o programa para o Japão. Neste simpósio, foi compartilhada entre Cornell e os praticantes do lado japonês sobre a importância do lema de “usar os cinco sentidos para sentir a natureza” e “a união com a natureza”. Pode-se dizer que a boa vontade dos praticantes japoneses de introduzir um novo programa e a organização dos entraves logo no início foram os fatores importantes que contribuíram para o sucesso da divulgação do programa no Japão.

Figura 2: Impacto da primeira visita de Cornell ao Japão



As cinco fases para o estabelecimento da Organização Nacional

A partir de 1982, após o encontro dos membros da Associação Naturalista do Japão com a obra de Cornell, começou-se a pensar sobre sua introdução no Japão. As mudanças do *Nature Game* nestes quase vinte anos podem ser divididas nas cinco fases seguintes (Figura 2):

Primeira Fase: introdução

Nesta fase, a tradução foi a principal atividade, e principalmente a tradução da denominação “*Nature Game*”. Havia duas propostas de tradução para o título da obra original: “*Nature Game*” e “*Sharing Nature*”. Em abril de 1986, durante a reunião executiva, ficou decidido que nas comemorações dos dez anos da associação o livro seria publicado com o título “*Nature Game*”. Após várias discussões, prevaleceu a idéia de que, em comparação aos termos “observação da natureza” ou “*Sharing Nature*”, “*Nature Game*” soava mais familiar aos japoneses provocando interesse nas pessoas, além de abrir fronteiras para novas possibilidades. No verão de 1986, no mesmo período da publicação do “*Nature Game*” (pela editora Kashiwa), Cornell visitou o Japão pela primeira vez e por duas semanas, realizou *workshops* de *Nature Game* em várias partes do país.

Segunda Fase: fase da busca

Após 1987, foram feitas pesquisas sobre como fazer a difusão do programa dentro do país e, como resultado, firmou-se um contrato de licença com os Estados Unidos e com base nas regras deste contrato, deu-se início aos cursos de formação de instrutores. O ponto principal deste contrato de licença era o reconhecimento da propriedade intelectual dos programas e atividades ensinados por Cornell e ele, por sua vez, reconhecia este autor, entre outros, como representantes de difusores deste programa no Japão, dando orientações e recomendações quando necessário. Atualmente, o contrato de licença pertence à Associação *Nature Game* do Japão.

Terceira Fase: período de formação de instrutores

Em 1990, foi realizado o primeiro curso de formação de instrutores iniciantes. Neste curso, algumas iniciativas próprias foram introduzidas, tais como o sistema gradual de registro de instrutores com denominação simbólica de “instrutor iniciante”, estabelecimento de critérios éticos de conscientização da preservação dos direitos intelectuais com base no contrato de licença, padronização e seleção de programa de atividades para a elaboração do manual e distribuição de manual do instrutor restrito aos instrutores registrados. Em abril de 1992, foi introduzido o sistema de apoio de aperfeiçoamento para os instrutores de *Nature Game*, estabelecendo um programa de treinamento de 20 horas para instrutor iniciante, 160 horas para instrutor intermediário e 510 horas para instrutor avançado.

Quarta Fase: período de formação de entidades difusoras

De 1990 a 1992, novos instrutores de *Nature Game* surgiam em várias regiões. O maior problema na época era assegurar a estes novos instrutores oportunidade de pôr em prática os ensinamentos recebidos. Foi então programado um evento simultâneo em todo país chamado de “Encontro de *Nature Game* para pais e filhos”. Com o objetivo de divulgar a atividade em escala nacional, articulou-se o apoio do governo como o Ministério da Educação. Ao mesmo tempo, os preparativos para a formação de uma estrutura de organização no país estava em andamento e, em 1997, a associação foi reconhecida pelo Ministro da Educação como entidade sem fins lucrativos.

Quinta Fase: período de atuação como entidade jurídica

Após o reconhecimento de entidade jurídica sem fins lucrativos, a principal atividade realizada foi o estabelecimento de associações regionais a fim de ter condições de oferecer os serviços de utilidade pública à sociedade. Além disso, atualmente, para que a *Nature Game* não acabe se tornando mais um programa de atividades ao ar livre, a associação está empenhada em fazer do programa uma

prática para a construção de uma “sociedade sustentável”.

Alguma das atividades descritas até aqui, como por exemplo, o sistema de apoio de aperfeiçoamento dos instrutores e o sistema de regionalização do *Nature Game* são atividades específicas do Japão. O método de gerenciamento destas atividades foi introduzido desde a época da Associação Naturalista do Japão ou após algumas melhorias em seus métodos. Por este motivo, a difusão do *Nature Game* no Japão não se deu de forma a copiar o programa americano, mas de adaptações do programa de Cornell e o sistema de regionalização do Japão dando origem, de forma dinâmica, a uma atividade única (figura 2).

3. As possibilidades e desafios do Movimento mundial *Sharing Nature*

*Missão do Movimento *Sharing Nature**

A missão da SNF é ajudar as pessoas de todas as idades a ter uma experiência de completa união e harmonia com todo tipo de vida. O objetivo do SNF é ampliar a consciência de que as pessoas realmente podem mudar seu jeito de ver e de se relacionar com o mundo. A SNF aplica atividades criativas para dar às pessoas experiências gratificantes com a natureza e para inspirá-las a ter responsabilidade para com todo tipo de vida. A estratégia de ensino do SNF é o “Aprendizado Seqüencial” que proporciona à pessoa uma experiência mais profunda com a natureza.

*Situação atual e possibilidades do Movimento mundial *Sharing Nature**

Atualmente, o livro *Sharing Nature with children* foi traduzido para 19 línguas e tem ao redor do mundo mais de 500.000 leitores. Joseph Cornell visitou e realizou seminários nos países onde a obra foi traduzida. Sobre a formação de grupos, o Japão se encontra em nível mais avançado e hoje há no país cerca de 11.000 líderes e 230 grupos regionais espalhados em todos os 47 estados japoneses. Além desses grupos regionais, foram criadas Associações Estaduais de *Nature Game* em 40 estados. Há um representante em cada país onde estão sendo realizados os movimentos de *Sharing Nature*. São estes os países: Brasil, China, Alemanha, Indonésia, Japão, Estados Unidos, Eslovênia, Coreia, Suíça, Taiwan, Tailândia e Inglaterra.

O *Nature Game* é um programa que enfatiza o uso dos cinco sentidos para sentir a natureza propiciando às crianças uma experiência de completa união e harmonia com a natureza e assim mudar seu próprio comportamento. Além disto, como qualquer pessoa sem conhecimento específico pode se tornar um líder, tem-se um maior comprometimento por cada indivíduo e promove-se a participação ativa da comunidade nas atividades de educação ambiental. Há ainda a possibilidade de reconstruir as atividades de educação ambiental que tem como objetivo extrair o “sentimento” através de experiências com a natureza, para uma nova forma de aprendizado introduzindo experiências que estejam ligadas com o dia-a-dia das pessoas. De agora em diante, quando vários países estarão engajados na formação de novos instrutores e na criação de grupos regionais, o movimento *Sharing Nature*, com o intuito de se tornar um movimento de escala global, tem expectativas de fazer uma aproximação com organizações das Nações Unidas, tais como o UNESCO, PNUMA, PNUD.

Próximos desafios do Movimento

Com o objetivo de fortalecer o apoio ao movimento mundial do *Sharing Nature*, está em andamento a criação da entidade internacional “*Sharing Nature World Wide Foundation*” (nome provisório) tendo como representante Joseph Cornell. Além de Cornell, a entidade internacional terá como diretores o autor, professor da Universidade do Estado de Califórnia (Departamento de Educação

Ambiental) Dr. Rocky Rowedder, entre outros. Nos dias 10 e 11 de janeiro de 2006 ocorreu a primeira reunião de diretores na cidade de Sacramento, na Califórnia, estado onde se pretende instalar a sede. Esta entidade internacional, concedendo o reconhecimento às entidades representantes em cada país como sendo a única entidade de divulgação, espera que a entidade reconhecida realize o processo de formação de grupos no seu país. No Brasil, discute-se também a possibilidade da criação da associação brasileira de *Sharing Nature*, tendo como papel principal a professora. Rita Mendonça, do Instituto Romã.

A proposta da *Sharing Nature* do Brasil

Rita Mendonça
Instituto Romã¹

Antecedentes

A idéia de constituição de uma instituição brasileira representante da *Sharing Nature* e responsável pela difusão de seus princípios e técnica surgiu por ocasião do 1º Congresso de Coordenadores *Sharing Nature*, que ocorreu em agosto de 2002, na Califórnia, EUA, local de residência do professor Joseph Cornell. O Dr. Furihata foi o grande incentivador desta idéia, apoiada pelos outros colegas.

Até esta data, as atividades *Sharing Nature* vinham sendo desenvolvidas em nosso país dentro de meu círculo profissional, desde 1996. Nesse período foram publicados diversos artigos, com o objetivo de esclarecer sobre a especificidade da proposta, e seu papel dentro do contexto da educação ambiental no Brasil. Em 1996 e 1997 acompanhamos a tradução e fizemos a revisão técnica da tradução dos dois livros de referência do professor Cornell, que foram publicados em português pela parceria entre as Editoras Senac e Melhoramentos, em São Paulo, com os títulos: “Brincar e Aprender com a Natureza”, e “A Alegria de Aprender com a Natureza”. Em 1999 organizamos sua segunda visita ao Brasil, ocasião em que ele ministrou diversas oficinas e conferências.

Esta primeira fase caracterizou-se por um intenso aprendizado, por uma expansão lenta e gradual do conhecimento da proposta pelos educadores ambientais e pela observação minuciosa de como os diferentes públicos brasileiros compreendiam e reagiam face à proposta. Foi a partir dessa observação que foram desenvolvidos os diversos artigos e livros que publicamos².

Características do desenvolvimento dos programas

O convite feito pelo professor Cornell em 1996 para que eu assumisse a responsabilidade de coordenar a *Sharing Nature* no Brasil veio revestido de confiança e entusiasmo, muito mais do que de exigências e compromissos específicos. Durante os seis anos em que coordenei os programas de forma não institucionalizada, percebi que para o professor Cornell, há qualidades muito mais importantes de serem desenvolvidas nos indivíduos do que aquelas que conseguimos expressar nos

¹www.institutoroma.com.br

² Artigos:

Rita Mendonça, “Visitar e compartilhar a natureza”, in **Educador Ambiental**, WWF, 1997.

Rita Mendonça, “A experiência com a Natureza segundo Joseph Cornell”, in Célia Serrano (org.) **A Educação pelas Pedras**, Editora Chronos, São Paulo, 2000.

Rita Mendonça, “Ecoturismo e educação ambiental”, in Rita Mendonça e Zysman Neiman (orgs.) **Ecoturismo no Brasil**, Editora Manole, Barueri, 2005.

Rita Mendonça, “Experimentando a sustentabilidade do turismo na Natureza”, in Trigo, **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**, Editora Roca, São Paulo, 2005.

Livros:

Rita Mendonça, **Como cuidar do seu meio ambiente**, Editora BEI, São Paulo, 2002.

Rita Mendonça e Zysman Neiman, **À sombra das árvores – transdisciplinaridade e educação ambiental em atividades extra-classe**, Editora Chronos, São Paulo, 2003.

Rita Mendonça, **Conservar e Criar – Natureza, cultura e complexidade**, Editora Senac, São Paulo, 2005.

Rita Mendonça e Zysman Neiman (orgs.) **Ecoturismo no Brasil**, Editora Manole, Barueri, 2005.

compromissos formais. Ele não tinha um programa definido, o que me deixava livre, mas com um senso de responsabilidade muito grande. Sempre mantivemos um contato ao mesmo tempo profissional e de amizade. Foi assim que nasceram e estão crescendo os programas da *Sharing Nature* no Brasil. As relações que temos criado com o já grande grupo de educadores especialistas em nosso país têm sido de confiança, amizade e profissionalismo, sem dissociação destas qualidades.

O Instituto Romã foi criado em 2003, a partir de um grupo que se reuniu para desenvolver um projeto de educação ambiental em um parque urbano de São Paulo. Para esse projeto, os monitores contratados passaram por uma formação sobre os princípios e técnica da *Sharing Nature*. Formamos um grupo com aqueles que mais se identificaram com a proposta e queriam dar continuidade a ela. O nome Romã veio durante essa experiência como um *insight*. A Romã é uma fruta que está presente em diversos mitos do oriente e do ocidente. Simboliza a prosperidade, a fertilidade e a unidade existente entre todos os seres. Por causa deste último significado, consideramos que ela simboliza a essência da proposta da *Sharing Nature*. O Instituto Romã foi, portanto, criado para representar a *Sharing Nature* no Brasil, difundir de forma própria seus princípios e a metodologia para os mais variados públicos brasileiros. Um aspecto muito interessante é que é uma proposta que pode ser bem compreendida e praticada por qualquer pessoa, não supondo uma formação anterior específica. A pedagogia subjacente propõe que o educador não é tanto aquele que ensina, mas aquele que compartilha a inspiração e o entusiasmo que sente na sua relação pessoal com a natureza.

O contrato de representação da *Sharing Nature* foi assinado em meu nome, e deverá ser transferido para a instituição, na medida em que seu trabalho se estruturar e enraizar em nosso país.

A metodologia

Para trabalhar com a sensibilidade, a *Sharing Nature* criou um método estruturado que inclui a complexidade das relações humanas. A metodologia chama-se Aprendizado Sequencial e consiste num sistema de orientação para a escolha das atividades a serem postas em prática em visitas a áreas naturais. Seu objetivo é ajudar a desenvolver nas pessoas tanto o entusiasmo pelo ambiente visitado como um gradual movimento de acalmar a mente, para que os aspectos mais sutis da natureza (humana e não humana) possam ser percebidos. A ênfase nos sentidos físicos é dada apenas a uma das etapas como estratégia para concentrar a atenção. Aqui no Brasil, consideramos importante que seja reconhecida a originalidade desta proposta sobretudo por causa de seus aspectos filosóficos.

Na prática, as atividades são divididas em quatro etapas, baseadas nos seguintes objetivos:

- Harmonizar o grupo em termos de graus de agitação e de consciência de grupo. Esta etapa é especialmente importante nos países de povos de temperamento expansivo e energético. Essa característica, em lugar de dispersar e diluir a experiência, é transformada em interesse, alegria e entusiasmo;
- Concentrar a atenção como etapa importante para qualquer tipo de experiência. Pouco se aprende, observa, percebe quando a mente está dispersa. Um bloco de atividades foi elaborado para conduzir o processo de concentração da atenção;
- Possibilitar que as pessoas tenham um contato mais direto, de cumplicidade, com os outros seres vivos. As atividades criadas para esta etapa visam ajudar as pessoas a ultrapassar a barreira existente entre o observador e o observado e abrir caminho para interações diretas de mão dupla;
- Consolidar a experiência, torná-la mais consciente, deixá-la marcada na memória e no coração é o que visam as atividades de encerramento de uma vivência com a natureza.

Os fundamentos da metodologia *Sharing Nature* estão relacionados a uma visão de mundo que acredita que o aprendizado duradouro deve incluir – e às vezes priorizar – a experiência, a vivência, e que apenas a comunicação de informações, ainda que muito importante não é suficiente para o aprofundamento, enraizamento e estímulo a mudanças de comportamentos. Propõe que o aprendizado seja por inteiro, com o corpo e a mente, e que possa se ampliar sempre. Ainda que a metodologia seja a mesma para todos os países, acreditamos que os fundamentos devam sempre ser explicitados, analisados, questionados e ampliados, para que sua essência permaneça viva e integrada aos anseios e possibilidades de cada um.

Os jogos são um meio e não um fim; são ferramentas extremamente eficazes para despertar o encantamento pela vida, a percepção de sua conexão com ela, oferecendo assim a oportunidade de um aprofundamento constante da relação com a natureza e um desejo sincero de protegê-la. Nesse processo o participante aprende a acalmar a mente e realizar melhor as atividades em geral. Os participantes aprendem também a ouvir, a respeitar os outros e a refletir sobre seus desejos e necessidades. A diferença está na forma de utilização dos jogos e não neles propriamente.

Trata-se de um método ao mesmo tempo pedagógico e terapêutico. Para o professor, representa também uma ferramenta que auxilia a concentrar a atenção e a despertar o interesse pela natureza e pela vida. Do ponto de vista pedagógico, pelo fato do aprendizado se dar pela experiência e não pela transmissão de informações, este método representa uma mudança radical nos modos de ensinar e de aprender. As idéias costumeiramente postas em oposição entre aprender e brincar, trabalhar e ter prazer, ensinar e compartilhar passam a ser sentidas como complementares e indissociáveis.

Outro aspecto importante da filosofia *Sharing Nature* é acreditar que a maneira mais eficiente de aprender é pela imitação. O educador é aquele que dá o exemplo, e isso é muito mais importante do que todo o seu conhecimento sobre o assunto. No caso das Vivências com a Natureza, o educador modifica seu papel, deixando de ser apenas aquele que ensina e passando a ser aquele que compartilha seu entusiasmo, seus sentimentos, sua experiência com a natureza. Essa abordagem tem uma influência direta na estrutura de nossas oficinas de formação de educadores multiplicadores.

A formação de educadores multiplicadores

As oficinas de formação de educadores multiplicadores brasileiras são de 26 horas, tempo considerado mínimo essencial para que possa ser dada prioridade ao aprofundamento da experiência com a natureza por parte de cada educador. Elas são realizadas em áreas naturais bem preservadas e são estruturadas na forma de retiro, ou seja, os participantes devem dedicar três dias e meio exclusivamente ao aprendizado e à experimentação da técnica.

Ao participar desta oficina introdutória o educador fica habilitado a praticar com seus grupos e pode receber orientação e sugestões do Instituto Romã, quando solicitar.

De 2003 a 2005 foram formados 91 educadores multiplicadores, provenientes de diversos estados brasileiros: São Paulo, Rio de Janeiro, Sergipe, Goiás, Distrito Federal, Paraná, Santa Catarina e Pará.

Em diversas ocasiões foram também oferecidas oficinas com outros formatos, com carga horária variável, de acordo com as possibilidades de cada local. Estes são os educadores iniciantes, formados nos estados do Pará, São Paulo e Bahia, totalizando 302 pessoas (incluindo as oficinas oferecidas por Naoko Miyoshi e Rita Mendonça no Parque Gunma, em Santa Bárbara, PA). Nesses casos, os participantes não têm sentido segurança para começar a praticar e estas oficinas acabam

por representar um primeiro contato com a proposta. Por esse motivo, a partir de 2005, temos priorizado as oficinas de 26 horas.

Diferentemente do Japão, consideramos desnecessária a elaboração de um manual para o educador, pois os livros do professor Cornell e os nossos artigos publicados têm sido suficientes como materiais de referência básicos, mas sim a elaboração de manuais específicos, para orientação sobre como colocar em prática o aprendizado e como se tornar um parceiro na difusão da proposta da *Sharing Nature*. Neste momento, estamos preparando os seguintes materiais (os títulos são provisórios):

- Caminhos do educador *Sharing Nature* no Brasil
- Manual para o monitor ambiental
- Livro de referência para professores do ensino fundamental 1 e 2 e de jovens adultos

Além desses materiais complementares, temos nos dedicado a republicar os livros do professor Cornell já traduzidos para o português e atualmente esgotados³ e, em futuro breve, traduzir e publicar seus demais livros.

Ainda não oferecemos as etapas mais avançadas da formação.

Os programas do Instituto Romã

Para difundir a proposta da *Sharing Nature* o Instituto Romã tem se dedicado – ao lado das oficinas de formação, que representam seu eixo principal – a diversos programas de Vivências com a Natureza. São eles:

- Programa para escolas (estudantes do ensino fundamental e médio, cursos de graduação e pós-graduação e formação para professores)
- Programas de Treinamento Empresarial
- Programas de formação de monitores ambientais
- Programa de voluntariado
- Palestras

No programa para escolas atendemos a um público de 1.920 pessoas; nos grupos para jovens e adultos atendemos a 690 participantes, entre 2003 e 2005.

Observações importantes a partir experiência brasileira

As atividades *Sharing Nature* têm sido aplicadas em diversos países do mundo, sobretudo nos países do hemisfério norte. O Brasil é o único país do hemisfério sul que tem uma representação da fundação. A experiência brasileira tem algumas peculiaridades interessantes de serem conhecidas, pois tanto a natureza como os aspectos culturais, sociais e econômicos são muito diferentes.

As Vivências com a Natureza podem ser realizadas em qualquer área em que predomine elementos naturais: jardins, parques urbanos, matas secundárias e florestas primitivas. Por incrível que pareça, vivemos em meio a uma relativa abundância de ambientes bem conservados ou em processo

³ As primeiras edições para o português de “Sharing Nature with Children” e “Sharing the joy of nature”, respectivamente com os títulos de “Brincar e aprender com a natureza” e “A alegria de aprender com a natureza” estão atualmente esgotadas. Em 2005 foi publicada a tradução da segunda edição revisada e ampliada de “Sharing Nature with Children”, com o título de “Vivências com a Natureza 1”, pela Editora Aquariana, com o apoio da JICA. A coordenação dessa edição foi feita pelo Instituto Romã.

avançado de regeneração. No caso de nossas experiências no entorno da cidade de São Paulo, por exemplo, trabalhamos em 22 roteiros selecionados de Mata Atlântica. Também temos trabalhado em parques urbanos e outras áreas. Com a experiência, observamos que a primitividade das matas têm um papel fundamental na qualidade da atenção e no grau de aprofundamento, interiorização e imersão dos participantes. Os ambientes primitivos propiciam experiências mais profundas e geram uma demanda interna forte e duradoura por ambientes preservados.

Do ponto de vista cultural e social, esse método possibilita a compreensão de relações complexas de maneira simples, de forma que o sentido de unidade pode ser vivenciado por pessoas de baixa escolaridade, de diferentes níveis sócio-econômicos e de diferentes faixas etárias, em um mesmo grupo. Nesse sentido, constitui uma forma vivencial de inclusão social. Um outro aspecto interessante e muito importante é que em grupos originalmente hierarquizados, a vivência contribui para a melhora das relações entre as pessoas, a partir de sua experiência conjunta com a natureza.

Num olhar mais abrangente, uma experiência *Sharing Nature* promove uma mudança na visão/relação de mundo, pois a natureza se apresenta como sujeito, com o qual as pessoas se tornam capazes de interagir, de ouvir e se comunicar, podendo a partir daí reconhecer (sentindo) a unidade existente entre todos os seres. E quem se deixar levar pelas reflexões que comumente emergem da experiência, poderá encontrar, por si mesmo, uma possível fonte de sentido para o que somos, fazemos e esperamos da vida.

Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental

Série Documentos Técnicos

1. CIEAs – Comissões Interinstitucionais de Educação Ambiental
2. Programa de Educomunicação Socioambiental
3. Construindo juntos a educação ambiental brasileira: relatório da Consulta Pública do ProNEA
4. Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável
5. Programa Latino-americano e Caribenho de Educação Ambiental
6. O desafio do Movimento *Sharing Nature* na Educação Ambiental Contemporânea

Próximos números

7. Programa de Formação de Educadores Ambientais
8. Chico Mendes
9. Municípios Educadores Sustentáveis: passo a passo
10. Educação a Distância na Formação de Educadores Ambientais
11. Enraizamento da Educação Ambiental no Brasil

O desafio do Movimento *Sharing Nature* na Educação Ambiental Contemporânea

Série Documentos Técnicos, nº 6

Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental

Brasília
2006

Série Documentos Técnicos

Série publicada pelo Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, com o objetivo de divulgar ações, projetos e programas de educação ambiental voltados a políticas públicas de abrangência nacional.

Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental

Ministério do Meio Ambiente

Ministra Marina Silva

Secretaria Executiva

Cláudio Langone

Diretoria de Educação Ambiental

Marcos Sorrentino

Ministério da Educação

Ministro Fernando Haddad

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

Ricardo Henriques

Diretoria de Educação para a Diversidade e Cidadania

Armênio Bello Schmidt

Coordenação Geral de Educação Ambiental

Rachel Trajber

Sumário

Apresentação, pelo <i>Órgão Gestor da PNEA</i>	3
Prefácio, por <i>Masashi Tsuchiya</i>	5
Introdução, por <i>Rita Mendonça</i>	7
O desafio do Movimento <i>Sharing Nature</i> na Educação Ambiental Contemporânea, por <i>Shin-ichi Furihata</i>	9
Realizações e desafios da educação ambiental no Japão	
As raízes da educação ambiental no Japão	
Estabelecimento e evolução da educação ambiental	
Os desafios da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável	
O processo de evolução do <i>Sharing Nature (Nature Game)</i> no Japão	
O impacto da primeira visita de J. Cornell ao Japão	
As cinco fases para o estabelecimento da organização nacional	
As possibilidades e desafios do Movimento mundial <i>Sharing Nature</i>	
Missão do Movimento <i>Sharing Nature</i>	
Situação atual e possibilidades do Movimento mundial <i>Sharing Nature</i>	
Próximos desafios do Movimento	
A proposta da <i>Sharing Nature</i> do Brasil, por <i>Rita Mendonça</i>	15
Antecedentes	
Características do desenvolvimento dos programas	
A metodologia	
A formação de educadores multiplicadores	
Os programas do Instituto Romã	
Observações importantes a partir experiência brasileira	

Apresentação

A JICA – *Japan International Cooperation Agency* –, órgão responsável pela implementação de programas e projetos de cooperação técnica com países em desenvolvimento, por intermédio do Projeto de Conservação Florestal e Educação Ambiental na Amazônia Oriental, conhecido por Projeto Gunma (em função de ser desenvolvido em parceria entre os governos do estado do Pará e da província de Gunma no Japão), promoveu no dia 9 de novembro de 2005, em Brasília, um Seminário de Educação Ambiental. O evento teve o propósito de apresentar as atividades em educação ambiental desenvolvidas pela JICA no Brasil.

Na ocasião do evento, esteve presente também o Dr. Shin-ichi Furihata, coordenador da Associação Japonesa Nature Game, que apresentou uma explanação com os antecedentes e o estado da arte da educação ambiental no Japão, com especial ênfase na trajetória de consolidação do Movimento *Sharing Nature*, inspirado na metodologia do “Aprendizado Sequencial” de atividades educativas ao ar livre de Joseph Cornell, que encontrou uma grande receptividade naquele país.

Nesse sentido, para registrar a visita ao Brasil do Dr. Furihata, na perspectiva do fortalecimento das relações internacionais entre Brasil e Japão, e com o intuito de socializar o trabalho apresentado no evento aos educadores ambientais brasileiros, entendemos pertinente apresentá-lo como um Documento Técnico que forneça reflexões e subsídios às atividades em educação ambiental que buscam desenvolver processos de sensibilização para a causa ambiental por intermédio de vivências com a natureza, que estimulem os sentidos e afetos humanos perante a natureza.

Para oportunizar o diálogo mais aprofundado sobre essa perspectiva da educação ambiental no contexto brasileiro, convidamos ainda, Rita Mendonça, representante do Instituto Romã, para apresentar neste mesmo número, uma reflexão sobre o Movimento *Sharing Nature* no Brasil, refletindo sobre as experiências aqui desenvolvidas sobre a vivência com a natureza.

Por fim, ressaltamos que o registro de uma tendência atual da educação ambiental praticada com ampla aceitação no Japão, para fins de socialização da experiência, reveste-se de especial importância devido ao fato do Japão ter sido o país proponente da instituição da Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, por ocasião da Conferência de Johannesburgo, conhecida como a Rio+10.

Órgão Gestor da PNEA

Prefácio

A Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA) está desenvolvendo o “Projeto de Conservação Florestal e Educação Ambiental na Amazônia Oriental” no Parque Ecológico de Gunma, de propriedade da Associação Gunma-Kenjinkai do Norte do Brasil (presidente: Hiroshi Okajima). Este parque, localizado no município de Santa Bárbara, no estado do Pará, foi adquirido graças à iniciativa da Associação e à campanha de arrecadação de fundos realizado na Província de Gunma, com o objetivo de preservar a floresta amazônica e de estreitar ainda mais a relação nipo-brasileira. O projeto com seus três componentes: educação ambiental, conservação florestal e sistemas agroflorestais, espera contribuir para o desenvolvimento sustentável da região amazônica.

Durante o estágio inicial das atividades na área de educação ambiental, o perito Tadashi Inamoto (Diretor do Instituto Ecológico Shirakawa-go da Toyota) sugeriu como metodologia educacional de contato direto com a natureza o programa “Vivências com a Natureza”. Ao receber esta sugestão, o projeto solicitou à JICA a vinda da perita Naoko Miyoshi da Associação Nature Game (Vivências com a Natureza) do Japão e, juntamente com a Coordenadora de Vivências com a Natureza no Brasil, Rita Mendonça, iniciou-se a divulgação deste programa ao público envolvido no projeto. Desde então, várias oficinas e seminários foram realizados com sucesso e o programa tem obtido grande aceitação entre as pessoas envolvidas com educação ambiental, escolas, ONGs e outros. Após esta repercussão, o projeto convidou o presidente da Associação Nature Game do Japão Shin-ichi Furihata para apresentar este programa às pessoas ligadas aos Ministérios do Meio Ambiente, da Educação e IBAMA.

Masashi Tsuchiya
Coordenador da Equipe Japonesa
Projeto de Conservação Florestal e Educação Ambiental na Amazônia Oriental

Introdução

A experiência da *Nature Game* do Japão tem sido uma referência importante para a implementação dos programas da *Sharing Nature* no Brasil. Assim como o Sr. Furihata no Japão, assumi a coordenação dos programas da *Sharing Nature* no Brasil em 1996, ocasião da primeira vinda do professor Joseph Cornell ao Brasil e do lançamento em português da primeira edição do seu célebre livro “*Sharing Nature with Children*”. Durante todos esses anos fui percebendo a profundidade que a proposta da *Sharing Nature* pode alcançar. Tive liberdade e tempo para iluminar os seus recantos, me deter em suas particularidades, experimentar as suas possibilidades. Essa proposta se revela, assim, como um caminho para aprimorar as relações entre as pessoas, através de um método simples, mas de natureza complexa, sofisticada. Ao alcance de todos, pois todos nós integramos as maiores possibilidades da natureza humana.

Cada país deve encontrar a melhor versão para o nome “*Sharing Nature*”, de forma a sintetizar e expressar a essência da proposta. No Japão, o nome escolhido foi “*Nature Game*”. No Brasil, o nome escolhido foi “Vivências com a Natureza”. Chamamos a atenção para o “com”: não são apenas vivências na natureza, mas sim uma proposta de interação **com** ela.

Vejo que a experiência brasileira constitui já uma segunda geração de instituições representantes da *Sharing Nature*, e acredito que ela deva se estabelecer em nosso país atendendo às características e necessidades de nosso povo – culturais e econômicas – e considerando as demais experiências de educação ambiental de nosso país. Nossa estrutura institucional pretende estimular a formação de rede, e estar focada nas relações humanas e nas necessidades de cada um, evitando assim uma estrutura excessivamente hierárquica e austera. Pretende ser um instrumento eficaz, não só para o desenvolvimento de relações mais conscientes com o mundo natural, como também de desenvolvimento pessoal, ajudando a aflorar o melhor da natureza de cada participante.

Institucionalizar relações pessoais talvez não seja possível. Nem desejável. Mas a experiência que tive ao visitar a *Nature Game* no Japão me deixou otimista: percebi que era possível criarmos uma comunidade mundial de educadores *Sharing Nature*, transcendendo as barreiras da língua e as enormes diferenças culturais. Minha comunicação com as pessoas de lá se dava a partir de uma forma muito parecida de nos relacionarmos, baseada no “jeito *Sharing Nature*” que cada um tinha de se aproximar do meio natural. O Sr. Furihata conseguiu implantar em seu país um sistema de relações institucionais bastante complexo sem perder as qualidades essenciais relativas à qualidade das relações entre as pessoas.

Trata-se portanto de uma experiência nacional importante, que tem nos inspirado na elaboração de um programa brasileiro. A maneira pioneira com que ele traduziu os conceitos mais universais da *Sharing Nature* para atender às formas de compreensão de seu povo e sua cultura nos estimula nessa desafiadora e estimulante tarefa de encontrar as formas específicas de nossa cultura que permitam uma compreensão integral da universalidade da filosofia da *Sharing Nature*.

Rita Mendonça
Instituto Romã

O Desafio do Movimento *Sharing Nature* na Educação Ambiental Contemporânea

Shinichi FURIHATA Ph.D.
Associação *Nature Game* do Japão

1. Realizações e desafios da Educação Ambiental no Japão

As Raízes da Educação Ambiental no Japão

O termo educação ambiental foi primeiramente usado no Japão na época da Conferência de Estocolmo ocorrida no ano de 1972, mas anterior a isto, havia no Japão três movimentos que podem ser considerados raízes da educação ambiental no país. São eles: “educação de compreensão da poluição”, “educação de preservação da natureza” e “educação ao ar livre”.

A “Educação de Compreensão da Poluição” teve grande impacto nos anos 60 devido aos problemas de poluição, e pode-se dizer que foi o ponto de partida de educação ambiental no Japão no que diz respeito às práticas relacionadas com o meio ambiente dentro das escolas. A educação de compreensão da poluição era praticada inicialmente por alguns educadores vanguardistas, mas com a realização da Reunião da Poluição em 1970, uma parte do currículo escolar foi revisada e o tema “poluição” foi inserida dentro da disciplina Estudos Sociais. A “educação de preservação da natureza”, por sua vez, foi difundida pelas entidades de preservação da natureza na década de 70, como um programa extra-curricular com atividades de observação da natureza. Por fim, a “educação ao ar livre” teve influência na criação da Lei de Promoção do Esporte em 1961, cujo lema era “o desenvolvimento saudável do corpo e da mente”, e impulsionou a construção de instalações de lazer em todo o país voltadas para jovens para realizar acampamentos e retiro de estudos.

Estabelecimento e evolução da educação ambiental

A Agência de Educação Ambiental foi criada em 1971, mas por um período, a educação de compreensão da poluição, educação de preservação da natureza e educação ao ar livre foram evoluindo cada uma com suas práticas. Na década de 90, começaram a surgir vários movimentos de educação ambiental derivados das três raízes. São elas: “Educação Ambiental Global (Desenvolvimento)”, “Educação Ambiental para a Reconstrução da região/Ciência do Cidadão”, “Educação Ambiental relacionada à vida cotidiana”, “Guia de Educação Ambiental para Educadores”, “Educação Ambiental relacionada às Experiências com a Natureza”.

As pesquisas com “Educação Ambiental Global (Desenvolvimento)” estão sendo desenvolvidas como parte das Estratégias de Conservação Ambiental dos Países da Ásia Pacífica, realizada pelo Instituto para Estratégia Ambiental Global do governo japonês. O próximo desafio é definir a forma de apoio do Japão na educação ambiental nos países da Ásia Pacífica e em outros países em desenvolvimento.

A “Educação Ambiental para a reconstrução da região/Ciência do Cidadão” é o movimento de educação ambiental que surgiu a partir dos problemas de poluição ambiental provocada pela contaminação de mercúrio na cidade de Minamata e que causou um grande impacto na comunidade local. Este movimento teve como objetivo a reconstrução da sociedade através do reconhecimento dos direitos ambientais como sendo parte dos direitos humanos e o desenvolvimento da educação ambiental voltada para o cidadão baseada em Ciências.

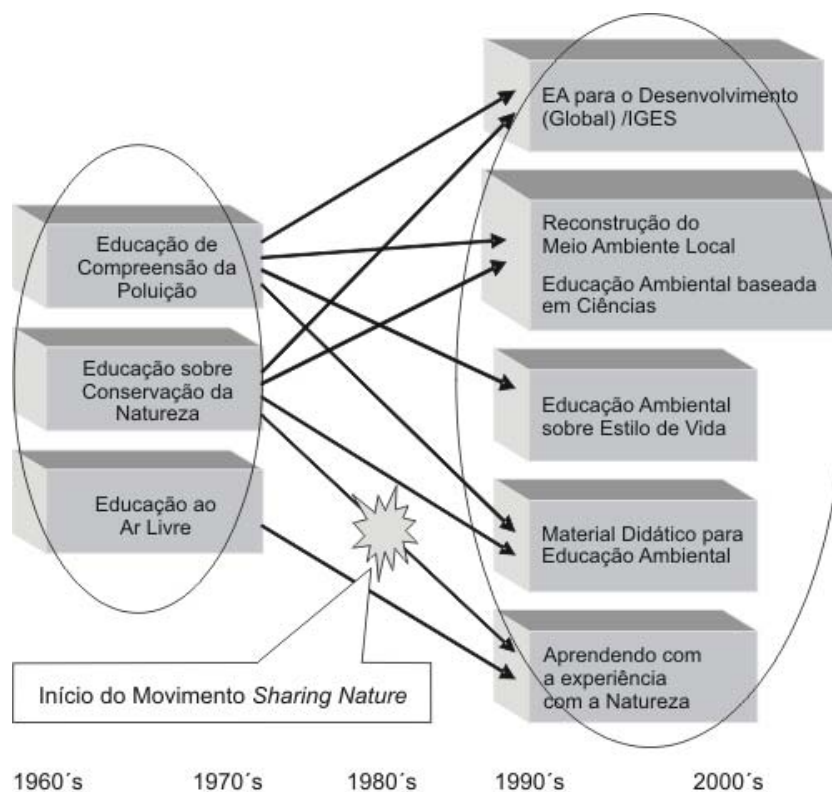
Impulsionada pela Lei Básica do Meio Ambiente de 1993, a “Educação Ambiental relacionada à vida cotidiana”, foi desenvolvida principalmente pelo Grupo de Promoção de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente e por entidades comunitárias como o Eco-Clube Mirim tendo como objetivo a formação de uma sociedade sustentável e maior participação da comunidade nos problemas locais.

Em 1991, o Ministério da Educação (atual Ministério da Educação, Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia) apresentou o “Guia de Educação Ambiental para Educadores” contendo um roteiro sobre educação ambiental nas escolas, e foi então que a “Educação Ambiental através de Guia de Educação Ambiental para Educadores” tornou-se uma das práticas no país. Esta corrente foi desenvolvida por funcionários do Ministério da Educação responsáveis pela elaboração do processo de educação e demais pesquisadores. No Japão, não há uma disciplina de meio ambiente, mas ela é tratada de forma transversal nas demais disciplinas. A partir de 2002, iniciou-se o programa de “Hora de Estudo Geral” como forma de propiciar às crianças uma oportunidade de aprendizagem independente e, neste programa, junto com temas como bem-estar, tema internacional e informação, o meio ambiente também foi inserido como um tema obrigatório.

A “Educação Ambiental relacionada às Experiências com a Natureza”, através de atividades diretas com a natureza, tem por objetivo criar o vínculo do indivíduo com a sociedade conscientizando-o sobre sua relação com a natureza. O princípio básico das atividades de experiência com a natureza coincide com o que está declarado na Lei de Promoção da Educação Ambiental, que prega “a importância de aprofundar a compreensão e interesse pela conservação ambiental através de atividades de experiência com a natureza ou outras formas de atividades experimentais”. E em 2001, as leis da educação formal e educação social foram revisadas com a inclusão do item “prática e estímulo de atividades de experiência com a natureza”, solicitando às instituições de ensino, tais como escolas, educação na sociedade/instituições e organizações de educação aos jovens nas regiões a manterem uma cooperação interinstitucional.

Em 1990, foi criada uma entidade de pesquisa de âmbito nacional relacionada à educação ambiental chamada de Sociedade de Educação Ambiental do Japão, com a finalidade de agrupar pesquisadores das cinco correntes de educação ambiental até aqui apresentadas.

Figura 1: Raízes e Correntes da Educação Ambiental no Japão



Os desafios da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável

No panorama atual de educação ambiental, destaca-se a Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável. A DEDES tem sua raiz na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Conferência da Terra) realizada no Rio de Janeiro em 1992. No capítulo 36 da Agenda 21 intitulado “Promoção do Ensino, da Conscientização e do Treinamento”, foi declarada a importância da educação na promoção do “desenvolvimento sustentável”. Para avaliar o resultado dos dez anos seguintes à Conferência da Terra, foi realizado em 2002, em Johannesburgo, a reunião da “Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável” e o governo japonês junto com as ONGs japonesas, propuseram o programa “década da educação para o desenvolvimento sustentável”. Esta proposta foi incluída no Plano de Implementação Global, e em dezembro deste mesmo ano, foi realizada a Assembléia Geral das Nações Unidas onde foi definida a seguinte resolução: “O período de dez anos a partir de janeiro de 2005 fica declarado como sendo a 'Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável’”. Assim teve início o programa da Década das Nações Unidas.

Reconhecendo que “não se constrói um futuro sustentável apenas pelo aumento da quantidade de educação”, o Plano Internacional de Implementação da Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005) tem como desafio redirecionar a abordagem atual da educação ambiental para uma educação com avaliação e objetivos bem definidos para atingir o “desenvolvimento sustentável”. Aqui, não se trata somente do meio ambiente, mas em ampliar o conceito de educação ambiental a fim de abranger todas as importantes dimensões tais como a pobreza, multiculturalismo, saúde, garantia de alimentação, democracia, direitos humanos, paz, etc. Definir a relação do programa da EDS com a educação ambiental é um dos desafios tanto na área da pesquisa quanto na prática.

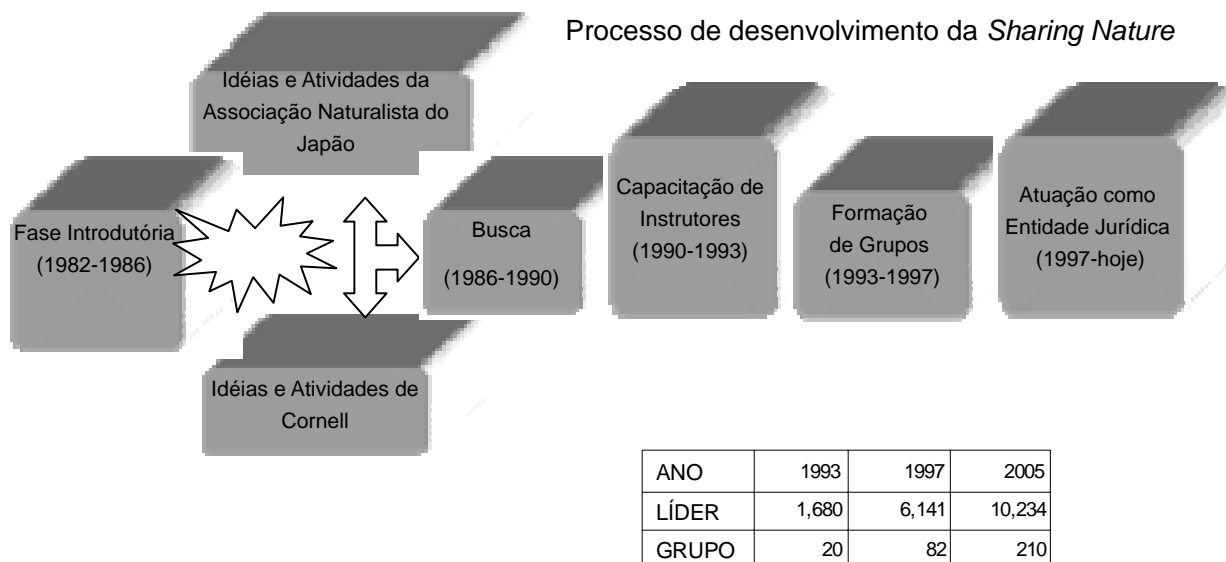
2. O Processo de evolução do *Sharing Nature* (*Nature Game*) no Japão

O impacto da primeira visita de J. Cornell ao Japão

O Movimento *Sharing Nature* teve início em 1986 pela Associação Naturalista do Japão e hoje, a Associação *Nature Game* do Japão é responsável pela sua promoção no país. A Associação Naturalista foi criada em 1973 e tinha como atividade principal os três programas a seguir: observação da natureza para crianças, aulas de natureza e atividade de formação de comunidades naturalistas nas localidades rurais e preservação e levantamento dos hábitos de *nihonkamoshika* (espécie de veado do Japão). Entre as atividades, o grupo de observação da natureza tinha como princípio “educar as crianças para se tornarem cuidadosas com a natureza como se estivessem cuidando de parte do próprio corpo”, e faziam excursões na natureza ao longo do ano e, através de observações e brincadeiras na natureza, realizavam atividades para aprender o mecanismo e maravilhas da natureza. Em 1982, um dos associados desta entidade que leu sobre a obra de Cornell em uma revista especializada em atividades ao ar livre resolveu adquiri-la e, com outras pessoas, iniciou a tradução do livro.

Este foi o início da introdução do *Sharing Nature* no Japão. Em 1986, ano da publicação do livro traduzido, Joseph Cornell foi convidado a visitar o Japão e foram realizados diversos seminários e simpósios. No simpósio, além da palestra de Cornell, foram discutidas as questões relacionadas com a possibilidade de trazer o programa para o Japão. Neste simpósio, foi compartilhada entre Cornell e os praticantes do lado japonês sobre a importância do lema de “usar os cinco sentidos para sentir a natureza” e “a união com a natureza”. Pode-se dizer que a boa vontade dos praticantes japoneses de introduzir um novo programa e a organização dos entraves logo no início foram os fatores importantes que contribuíram para o sucesso da divulgação do programa no Japão.

Figura 2: Impacto da primeira visita de Cornell ao Japão



As cinco fases para o estabelecimento da Organização Nacional

A partir de 1982, após o encontro dos membros da Associação Naturalista do Japão com a obra de Cornell, começou-se a pensar sobre sua introdução no Japão. As mudanças do *Nature Game* nestes quase vinte anos podem ser divididas nas cinco fases seguintes (Figura 2):

Primeira Fase: introdução

Nesta fase, a tradução foi a principal atividade, e principalmente a tradução da denominação “*Nature Game*”. Havia duas propostas de tradução para o título da obra original: “*Nature Game*” e “*Sharing Nature*”. Em abril de 1986, durante a reunião executiva, ficou decidido que nas comemorações dos dez anos da associação o livro seria publicado com o título “*Nature Game*”. Após várias discussões, prevaleceu a idéia de que, em comparação aos termos “observação da natureza” ou “*Sharing Nature*”, “*Nature Game*” soava mais familiar aos japoneses provocando interesse nas pessoas, além de abrir fronteiras para novas possibilidades. No verão de 1986, no mesmo período da publicação do “*Nature Game*” (pela editora Kashiwa), Cornell visitou o Japão pela primeira vez e por duas semanas, realizou *workshops* de *Nature Game* em várias partes do país.

Segunda Fase: fase da busca

Após 1987, foram feitas pesquisas sobre como fazer a difusão do programa dentro do país e, como resultado, firmou-se um contrato de licença com os Estados Unidos e com base nas regras deste contrato, deu-se início aos cursos de formação de instrutores. O ponto principal deste contrato de licença era o reconhecimento da propriedade intelectual dos programas e atividades ensinados por Cornell e ele, por sua vez, reconhecia este autor, entre outros, como representantes de difusores deste programa no Japão, dando orientações e recomendações quando necessário. Atualmente, o contrato de licença pertence à Associação *Nature Game* do Japão.

Terceira Fase: período de formação de instrutores

Em 1990, foi realizado o primeiro curso de formação de instrutores iniciantes. Neste curso, algumas iniciativas próprias foram introduzidas, tais como o sistema gradual de registro de instrutores com denominação simbólica de “instrutor iniciante”, estabelecimento de critérios éticos de conscientização da preservação dos direitos intelectuais com base no contrato de licença, padronização e seleção de programa de atividades para a elaboração do manual e distribuição de manual do instrutor restrito aos instrutores registrados. Em abril de 1992, foi introduzido o sistema de apoio de aperfeiçoamento para os instrutores de *Nature Game*, estabelecendo um programa de treinamento de 20 horas para instrutor iniciante, 160 horas para instrutor intermediário e 510 horas para instrutor avançado.

Quarta Fase: período de formação de entidades difusoras

De 1990 a 1992, novos instrutores de *Nature Game* surgiam em várias regiões. O maior problema na época era assegurar a estes novos instrutores oportunidade de pôr em prática os ensinamentos recebidos. Foi então programado um evento simultâneo em todo país chamado de “Encontro de *Nature Game* para pais e filhos”. Com o objetivo de divulgar a atividade em escala nacional, articulou-se o apoio do governo como o Ministério da Educação. Ao mesmo tempo, os preparativos para a formação de uma estrutura de organização no país estava em andamento e, em 1997, a associação foi reconhecida pelo Ministro da Educação como entidade sem fins lucrativos.

Quinta Fase: período de atuação como entidade jurídica

Após o reconhecimento de entidade jurídica sem fins lucrativos, a principal atividade realizada foi o estabelecimento de associações regionais a fim de ter condições de oferecer os serviços de utilidade pública à sociedade. Além disso, atualmente, para que a *Nature Game* não acabe se tornando mais um programa de atividades ao ar livre, a associação está empenhada em fazer do programa uma

prática para a construção de uma “sociedade sustentável”.

Alguma das atividades descritas até aqui, como por exemplo, o sistema de apoio de aperfeiçoamento dos instrutores e o sistema de regionalização do *Nature Game* são atividades específicas do Japão. O método de gerenciamento destas atividades foi introduzido desde a época da Associação Naturalista do Japão ou após algumas melhorias em seus métodos. Por este motivo, a difusão do *Nature Game* no Japão não se deu de forma a copiar o programa americano, mas de adaptações do programa de Cornell e o sistema de regionalização do Japão dando origem, de forma dinâmica, a uma atividade única (figura 2).

3. As possibilidades e desafios do Movimento mundial *Sharing Nature*

*Missão do Movimento *Sharing Nature**

A missão da SNF é ajudar as pessoas de todas as idades a ter uma experiência de completa união e harmonia com todo tipo de vida. O objetivo do SNF é ampliar a consciência de que as pessoas realmente podem mudar seu jeito de ver e de se relacionar com o mundo. A SNF aplica atividades criativas para dar às pessoas experiências gratificantes com a natureza e para inspirá-las a ter responsabilidade para com todo tipo de vida. A estratégia de ensino do SNF é o “Aprendizado Seqüencial” que proporciona à pessoa uma experiência mais profunda com a natureza.

*Situação atual e possibilidades do Movimento mundial *Sharing Nature**

Atualmente, o livro *Sharing Nature with children* foi traduzido para 19 línguas e tem ao redor do mundo mais de 500.000 leitores. Joseph Cornell visitou e realizou seminários nos países onde a obra foi traduzida. Sobre a formação de grupos, o Japão se encontra em nível mais avançado e hoje há no país cerca de 11.000 líderes e 230 grupos regionais espalhados em todos os 47 estados japoneses. Além desses grupos regionais, foram criadas Associações Estaduais de *Nature Game* em 40 estados. Há um representante em cada país onde estão sendo realizados os movimentos de *Sharing Nature*. São estes os países: Brasil, China, Alemanha, Indonésia, Japão, Estados Unidos, Eslovênia, Coréia, Suíça, Taiwan, Tailândia e Inglaterra.

O *Nature Game* é um programa que enfatiza o uso dos cinco sentidos para sentir a natureza propiciando às crianças uma experiência de completa união e harmonia com a natureza e assim mudar seu próprio comportamento. Além disto, como qualquer pessoa sem conhecimento específico pode se tornar um líder, tem-se um maior comprometimento por cada indivíduo e promove-se a participação ativa da comunidade nas atividades de educação ambiental. Há ainda a possibilidade de reconstruir as atividades de educação ambiental que tem como objetivo extrair o “sentimento” através de experiências com a natureza, para uma nova forma de aprendizado introduzindo experiências que estejam ligadas com o dia-a-dia das pessoas. De agora em diante, quando vários países estarão engajados na formação de novos instrutores e na criação de grupos regionais, o movimento *Sharing Nature*, com o intuito de se tornar um movimento de escala global, tem expectativas de fazer uma aproximação com organizações das Nações Unidas, tais como o UNESCO, PNUMA, PNUD.

Próximos desafios do Movimento

Com o objetivo de fortalecer o apoio ao movimento mundial do *Sharing Nature*, está em andamento a criação da entidade internacional “*Sharing Nature World Wide Foundation*” (nome provisório) tendo como representante Joseph Cornell. Além de Cornell, a entidade internacional terá como diretores o autor, professor da Universidade do Estado de Califórnia (Departamento de Educação

Ambiental) Dr. Rocky Rowedder, entre outros. Nos dias 10 e 11 de janeiro de 2006 ocorreu a primeira reunião de diretores na cidade de Sacramento, na Califórnia, estado onde se pretende instalar a sede. Esta entidade internacional, concedendo o reconhecimento às entidades representantes em cada país como sendo a única entidade de divulgação, espera que a entidade reconhecida realize o processo de formação de grupos no seu país. No Brasil, discute-se também a possibilidade da criação da associação brasileira de *Sharing Nature*, tendo como papel principal a professora. Rita Mendonça, do Instituto Romã.

A proposta da *Sharing Nature* do Brasil

Rita Mendonça
Instituto Romã¹

Antecedentes

A idéia de constituição de uma instituição brasileira representante da *Sharing Nature* e responsável pela difusão de seus princípios e técnica surgiu por ocasião do 1º Congresso de Coordenadores *Sharing Nature*, que ocorreu em agosto de 2002, na Califórnia, EUA, local de residência do professor Joseph Cornell. O Dr. Furihata foi o grande incentivador desta idéia, apoiada pelos outros colegas.

Até esta data, as atividades *Sharing Nature* vinham sendo desenvolvidas em nosso país dentro de meu círculo profissional, desde 1996. Nesse período foram publicados diversos artigos, com o objetivo de esclarecer sobre a especificidade da proposta, e seu papel dentro do contexto da educação ambiental no Brasil. Em 1996 e 1997 acompanhamos a tradução e fizemos a revisão técnica da tradução dos dois livros de referência do professor Cornell, que foram publicados em português pela parceria entre as Editoras Senac e Melhoramentos, em São Paulo, com os títulos: “Brincar e Aprender com a Natureza”, e “A Alegria de Aprender com a Natureza”. Em 1999 organizamos sua segunda visita ao Brasil, ocasião em que ele ministrou diversas oficinas e conferências.

Esta primeira fase caracterizou-se por um intenso aprendizado, por uma expansão lenta e gradual do conhecimento da proposta pelos educadores ambientais e pela observação minuciosa de como os diferentes públicos brasileiros compreendiam e reagiam face à proposta. Foi a partir dessa observação que foram desenvolvidos os diversos artigos e livros que publicamos².

Características do desenvolvimento dos programas

O convite feito pelo professor Cornell em 1996 para que eu assumisse a responsabilidade de coordenar a *Sharing Nature* no Brasil veio revestido de confiança e entusiasmo, muito mais do que de exigências e compromissos específicos. Durante os seis anos em que coordenei os programas de forma não institucionalizada, percebi que para o professor Cornell, há qualidades muito mais importantes de serem desenvolvidas nos indivíduos do que aquelas que conseguimos expressar nos

¹www.institutoroma.com.br

² Artigos:

Rita Mendonça, “Visitar e compartilhar a natureza”, in **Educador Ambiental**, WWF, 1997.

Rita Mendonça, “A experiência com a Natureza segundo Joseph Cornell”, in Célia Serrano (org.) **A Educação pelas Pedras**, Editora Chronos, São Paulo, 2000.

Rita Mendonça, “Ecoturismo e educação ambiental”, in Rita Mendonça e Zysman Neiman (orgs.) **Ecoturismo no Brasil**, Editora Manole, Barueri, 2005.

Rita Mendonça, “Experimentando a sustentabilidade do turismo na Natureza”, in Trigo, **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**, Editora Roca, São Paulo, 2005.

Livros:

Rita Mendonça, **Como cuidar do seu meio ambiente**, Editora BEI, São Paulo, 2002.

Rita Mendonça e Zysman Neiman, **À sombra das árvores – transdisciplinaridade e educação ambiental em atividades extra-classe**, Editora Chronos, São Paulo, 2003.

Rita Mendonça, **Conservar e Criar – Natureza, cultura e complexidade**, Editora Senac, São Paulo, 2005.

Rita Mendonça e Zysman Neiman (orgs.) **Ecoturismo no Brasil**, Editora Manole, Barueri, 2005.

compromissos formais. Ele não tinha um programa definido, o que me deixava livre, mas com um senso de responsabilidade muito grande. Sempre mantivemos um contato ao mesmo tempo profissional e de amizade. Foi assim que nasceram e estão crescendo os programas da *Sharing Nature* no Brasil. As relações que temos criado com o já grande grupo de educadores especialistas em nosso país têm sido de confiança, amizade e profissionalismo, sem dissociação destas qualidades.

O Instituto Romã foi criado em 2003, a partir de um grupo que se reuniu para desenvolver um projeto de educação ambiental em um parque urbano de São Paulo. Para esse projeto, os monitores contratados passaram por uma formação sobre os princípios e técnica da *Sharing Nature*. Formamos um grupo com aqueles que mais se identificaram com a proposta e queriam dar continuidade a ela. O nome Romã veio durante essa experiência como um *insight*. A Romã é uma fruta que está presente em diversos mitos do oriente e do ocidente. Simboliza a prosperidade, a fertilidade e a unidade existente entre todos os seres. Por causa deste último significado, consideramos que ela simboliza a essência da proposta da *Sharing Nature*. O Instituto Romã foi, portanto, criado para representar a *Sharing Nature* no Brasil, difundir de forma própria seus princípios e a metodologia para os mais variados públicos brasileiros. Um aspecto muito interessante é que é uma proposta que pode ser bem compreendida e praticada por qualquer pessoa, não supondo uma formação anterior específica. A pedagogia subjacente propõe que o educador não é tanto aquele que ensina, mas aquele que compartilha a inspiração e o entusiasmo que sente na sua relação pessoal com a natureza.

O contrato de representação da *Sharing Nature* foi assinado em meu nome, e deverá ser transferido para a instituição, na medida em que seu trabalho se estruturar e enraizar em nosso país.

A metodologia

Para trabalhar com a sensibilidade, a *Sharing Nature* criou um método estruturado que inclui a complexidade das relações humanas. A metodologia chama-se Aprendizado Sequencial e consiste num sistema de orientação para a escolha das atividades a serem postas em prática em visitas a áreas naturais. Seu objetivo é ajudar a desenvolver nas pessoas tanto o entusiasmo pelo ambiente visitado como um gradual movimento de acalmar a mente, para que os aspectos mais sutis da natureza (humana e não humana) possam ser percebidos. A ênfase nos sentidos físicos é dada apenas a uma das etapas como estratégia para concentrar a atenção. Aqui no Brasil, consideramos importante que seja reconhecida a originalidade desta proposta sobretudo por causa de seus aspectos filosóficos.

Na prática, as atividades são divididas em quatro etapas, baseadas nos seguintes objetivos:

- Harmonizar o grupo em termos de graus de agitação e de consciência de grupo. Esta etapa é especialmente importante nos países de povos de temperamento expansivo e energético. Essa característica, em lugar de dispersar e diluir a experiência, é transformada em interesse, alegria e entusiasmo;
- Concentrar a atenção como etapa importante para qualquer tipo de experiência. Pouco se aprende, observa, percebe quando a mente está dispersa. Um bloco de atividades foi elaborado para conduzir o processo de concentração da atenção;
- Possibilitar que as pessoas tenham um contato mais direto, de cumplicidade, com os outros seres vivos. As atividades criadas para esta etapa visam ajudar as pessoas a ultrapassar a barreira existente entre o observador e o observado e abrir caminho para interações diretas de mão dupla;
- Consolidar a experiência, torná-la mais consciente, deixá-la marcada na memória e no coração é o que visam as atividades de encerramento de uma vivência com a natureza.

Os fundamentos da metodologia *Sharing Nature* estão relacionados a uma visão de mundo que acredita que o aprendizado duradouro deve incluir – e às vezes priorizar – a experiência, a vivência, e que apenas a comunicação de informações, ainda que muito importante não é suficiente para o aprofundamento, enraizamento e estímulo a mudanças de comportamentos. Propõe que o aprendizado seja por inteiro, com o corpo e a mente, e que possa se ampliar sempre. Ainda que a metodologia seja a mesma para todos os países, acreditamos que os fundamentos devam sempre ser explicitados, analisados, questionados e ampliados, para que sua essência permaneça viva e integrada aos anseios e possibilidades de cada um.

Os jogos são um meio e não um fim; são ferramentas extremamente eficazes para despertar o encantamento pela vida, a percepção de sua conexão com ela, oferecendo assim a oportunidade de um aprofundamento constante da relação com a natureza e um desejo sincero de protegê-la. Nesse processo o participante aprende a acalmar a mente e realizar melhor as atividades em geral. Os participantes aprendem também a ouvir, a respeitar os outros e a refletir sobre seus desejos e necessidades. A diferença está na forma de utilização dos jogos e não neles propriamente.

Trata-se de um método ao mesmo tempo pedagógico e terapêutico. Para o professor, representa também uma ferramenta que auxilia a concentrar a atenção e a despertar o interesse pela natureza e pela vida. Do ponto de vista pedagógico, pelo fato do aprendizado se dar pela experiência e não pela transmissão de informações, este método representa uma mudança radical nos modos de ensinar e de aprender. As idéias costumeiramente postas em oposição entre aprender e brincar, trabalhar e ter prazer, ensinar e compartilhar passam a ser sentidas como complementares e indissociáveis.

Outro aspecto importante da filosofia *Sharing Nature* é acreditar que a maneira mais eficiente de aprender é pela imitação. O educador é aquele que dá o exemplo, e isso é muito mais importante do que todo o seu conhecimento sobre o assunto. No caso das Vivências com a Natureza, o educador modifica seu papel, deixando de ser apenas aquele que ensina e passando a ser aquele que compartilha seu entusiasmo, seus sentimentos, sua experiência com a natureza. Essa abordagem tem uma influência direta na estrutura de nossas oficinas de formação de educadores multiplicadores.

A formação de educadores multiplicadores

As oficinas de formação de educadores multiplicadores brasileiras são de 26 horas, tempo considerado mínimo essencial para que possa ser dada prioridade ao aprofundamento da experiência com a natureza por parte de cada educador. Elas são realizadas em áreas naturais bem preservadas e são estruturadas na forma de retiro, ou seja, os participantes devem dedicar três dias e meio exclusivamente ao aprendizado e à experimentação da técnica.

Ao participar desta oficina introdutória o educador fica habilitado a praticar com seus grupos e pode receber orientação e sugestões do Instituto Romã, quando solicitar.

De 2003 a 2005 foram formados 91 educadores multiplicadores, provenientes de diversos estados brasileiros: São Paulo, Rio de Janeiro, Sergipe, Goiás, Distrito Federal, Paraná, Santa Catarina e Pará.

Em diversas ocasiões foram também oferecidas oficinas com outros formatos, com carga horária variável, de acordo com as possibilidades de cada local. Estes são os educadores iniciantes, formados nos estados do Pará, São Paulo e Bahia, totalizando 302 pessoas (incluindo as oficinas oferecidas por Naoko Miyoshi e Rita Mendonça no Parque Gunma, em Santa Bárbara, PA). Nesses casos, os participantes não têm sentido segurança para começar a praticar e estas oficinas acabam

por representar um primeiro contato com a proposta. Por esse motivo, a partir de 2005, temos priorizado as oficinas de 26 horas.

Diferentemente do Japão, consideramos desnecessária a elaboração de um manual para o educador, pois os livros do professor Cornell e os nossos artigos publicados têm sido suficientes como materiais de referência básicos, mas sim a elaboração de manuais específicos, para orientação sobre como colocar em prática o aprendizado e como se tornar um parceiro na difusão da proposta da *Sharing Nature*. Neste momento, estamos preparando os seguintes materiais (os títulos são provisórios):

- Caminhos do educador *Sharing Nature* no Brasil
- Manual para o monitor ambiental
- Livro de referência para professores do ensino fundamental 1 e 2 e de jovens adultos

Além desses materiais complementares, temos nos dedicado a republicar os livros do professor Cornell já traduzidos para o português e atualmente esgotados³ e, em futuro breve, traduzir e publicar seus demais livros.

Ainda não oferecemos as etapas mais avançadas da formação.

Os programas do Instituto Romã

Para difundir a proposta da *Sharing Nature* o Instituto Romã tem se dedicado – ao lado das oficinas de formação, que representam seu eixo principal – a diversos programas de Vivências com a Natureza. São eles:

- Programa para escolas (estudantes do ensino fundamental e médio, cursos de graduação e pós-graduação e formação para professores)
- Programas de Treinamento Empresarial
- Programas de formação de monitores ambientais
- Programa de voluntariado
- Palestras

No programa para escolas atendemos a um público de 1.920 pessoas; nos grupos para jovens e adultos atendemos a 690 participantes, entre 2003 e 2005.

Observações importantes a partir experiência brasileira

As atividades *Sharing Nature* têm sido aplicadas em diversos países do mundo, sobretudo nos países do hemisfério norte. O Brasil é o único país do hemisfério sul que tem uma representação da fundação. A experiência brasileira tem algumas peculiaridades interessantes de serem conhecidas, pois tanto a natureza como os aspectos culturais, sociais e econômicos são muito diferentes.

As Vivências com a Natureza podem ser realizadas em qualquer área em que predomine elementos naturais: jardins, parques urbanos, matas secundárias e florestas primitivas. Por incrível que pareça, vivemos em meio a uma relativa abundância de ambientes bem conservados ou em processo

³ As primeiras edições para o português de “Sharing Nature with Children” e “Sharing the joy of nature”, respectivamente com os títulos de “Brincar e aprender com a natureza” e “A alegria de aprender com a natureza” estão atualmente esgotadas. Em 2005 foi publicada a tradução da segunda edição revisada e ampliada de “Sharing Nature with Children”, com o título de “Vivências com a Natureza 1”, pela Editora Aquariana, com o apoio da JICA. A coordenação dessa edição foi feita pelo Instituto Romã.

avançado de regeneração. No caso de nossas experiências no entorno da cidade de São Paulo, por exemplo, trabalhamos em 22 roteiros selecionados de Mata Atlântica. Também temos trabalhado em parques urbanos e outras áreas. Com a experiência, observamos que a primitividade das matas têm um papel fundamental na qualidade da atenção e no grau de aprofundamento, interiorização e imersão dos participantes. Os ambientes primitivos propiciam experiências mais profundas e geram uma demanda interna forte e duradoura por ambientes preservados.

Do ponto de vista cultural e social, esse método possibilita a compreensão de relações complexas de maneira simples, de forma que o sentido de unidade pode ser vivenciado por pessoas de baixa escolaridade, de diferentes níveis sócio-econômicos e de diferentes faixas etárias, em um mesmo grupo. Nesse sentido, constitui uma forma vivencial de inclusão social. Um outro aspecto interessante e muito importante é que em grupos originalmente hierarquizados, a vivência contribui para a melhora das relações entre as pessoas, a partir de sua experiência conjunta com a natureza.

Num olhar mais abrangente, uma experiência *Sharing Nature* promove uma mudança na visão/relação de mundo, pois a natureza se apresenta como sujeito, com o qual as pessoas se tornam capazes de interagir, de ouvir e se comunicar, podendo a partir daí reconhecer (sentindo) a unidade existente entre todos os seres. E quem se deixar levar pelas reflexões que comumente emergem da experiência, poderá encontrar, por si mesmo, uma possível fonte de sentido para o que somos, fazemos e esperamos da vida.

Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental

Série Documentos Técnicos

1. CIEAs – Comissões Interinstitucionais de Educação Ambiental
2. Programa de Educomunicação Socioambiental
3. Construindo juntos a educação ambiental brasileira: relatório da Consulta Pública do ProNEA
4. Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável
5. Programa Latino-americano e Caribenho de Educação Ambiental
6. O desafio do Movimento *Sharing Nature* na Educação Ambiental Contemporânea

Próximos números

7. Programa de Formação de Educadores Ambientais
8. Chico Mendes
9. Municípios Educadores Sustentáveis: passo a passo
10. Educação a Distância na Formação de Educadores Ambientais
11. Enraizamento da Educação Ambiental no Brasil